



PRINCÍPIOS DE JOSÉ J. VEIGA Rogério Santana¹

A palestra reproduzida a seguir é um dos documentos depositados desde 2007 no Arquivo José J. Veiga, criado e mantido pelo Sesc-GO. Intitulada “Notícia da região invisível”, foi lida no I Seminário de Literatura Goiana, promovido pela UFG em 1985. Como todo o material confiado àquela instituição, esse texto é prova documental do zelo profissional do autor.

Durante alguns anos depois de sua morte, seu espólio ficou sob a responsabilidade do escritor e amigo Luiz de Aquino, que, após várias tentativas de doação a instituições que julgava competentes para conservarem a documentação profissional de Veiga, finalmente encontrou acolhida generosa no Sesc. Toda ela está sendo classificada e catalogada, para ficar à disposição de pesquisadores interessados em estudar o processo de criação e a biografia intelectual do escritor nascido em Corumbá.

Quem conheceu José J. Veiga pessoalmente sabe que ele não era muito dado a falar de sua obra em público. Mas aceitando um convite com esse propósito, em geral brindava a plateia com uma preciosidade de reflexão. A palestra aqui publicada — escrita para ser lida, daí a manutenção de algumas imperfeições num texto datilografado — é o resultado de uma dessas felizes ocasiões. Em 1985 ele estava com 70 anos de idade, e com oito livros publicados, como ele bem enumera em seu texto, o que lhe dava condições suficientes de dizer o que, para ele, era escrever um texto literário. Com certa didática, que a ocasião

exigia, Veiga divide sua exposição em três partes, a saber: o significado de escrever; a experiência da escrita do primeiro livro, *Os cavalinhos de Platiplanto*; e a importância do leitor para o livro.

A primeira e a terceira partes guardam fundamentos do autor, mas na segunda é que ele revela o que mais intriga. Nela ele desvenda como foi a escrita de seus primeiros contos que vieram a público com *Os cavalinhos*, até mesmo o porquê de escrevê-los. Tudo começou porque José J. Veiga fez um desafio consigo mesmo, o de escrever a sério, rejeitando a incoerência do ato de rasgar o que escrevia. A seriedade, por outro lado, levou-o a um desafio ainda maior: manter a qualidade literária no segundo livro. Não foi à toa que Veiga voltou a publicar somente em 1966, nada menos que *A hora dos ruminantes*.

Entre alguns argumentos, ele não exagera quando afirma que “a seriedade deve estar na atitude e não no texto”, aprendizagem simples, mas que foi entendida somente depois de sete anos. Venderam-se do seu primeiro livro, até 1985, mais de duzentos mil exemplares, divulgação comercial que condiz com os elogios dos textos de intervenção em jornais da época, uma extensão crítica da menção honrosa do Prêmio Monteiro Lobato e o Prêmio Fábio Prado. Dessa palestra, movida

¹. Professor de literatura na Faculdade de Letras da UFG.

também pela sinceridade, em certa medida marcada por um tom emocional, que no momento da exposição deve também ter se estendido ao público presente, tira-se a dimensão do “sacrifício” da escrita para Veiga, o que ele sugere com a expressão “a mente é ágil, a palavra é pesada”. Talvez um pouco na contramão do valor formal do signo linguístico ainda nos anos 1980, ele põe em primeiro plano a atitude do autor como intelectual que não se fecha num mundo de formalização estética, mas faz dela uma caixa de ressonância do que pensa sobre o processo histórico de construção das ideias.

A confirmação disso é o teor de sinceridade que encobre todo seu texto. José J. Veiga, para traçar os três aspectos, mantém fidelidade ao que pensa, sem se moldar a um discurso mais acadêmico, em muitos casos afeito a reflexões próprias para a circunstância. É seguindo esse princípio que ele, depois de elaborar certo perfil do “leitor” que muitas vezes não lê, caindo na armadilha de nomear o que não sabe, apresenta um exemplo de sinceridade trágica na relação com a escrita: o caso do escritor português Camilo Castelo Branco, que se suicida por não poder mais escrever. Como autor, lançou mão da própria vida pessoal para construir literariamente alguns episódios de romances. Possivelmente esteja aí uma dica de leitura para as narrativas de José Jacinto Pereira Veiga.

NOTICIA DA REGIRO INVISIVEL

Palestra lida no I Seminario de Literatura Goiana, promovido pela Universidade Federal de Goiás, em 3 de setembro de 1985.

Ao contrario de certos pais, que parecem pensar que seus filhos são o assunto mais empolgante do mundo, eu me vejo em grande embaraço sempre que sou provocado a falar de meus livros - se é que se pode comparar filhos a livros. Além de achar que um livro deve falar por si, e a cada pessoa falar de uma maneira, penso também que os livros que precisam ser explicados pelo próprio autor são livros malogrados, livros que o autor não conseguiu pôr em pé, para viverem por si. É claro que em certo sentido todo livro, como toda obra de arte, é o que resultou de um fracasso - porque fica sempre um debito entre o que o autor imaginou e o que ele quis fazer. É um debito inevitavel, que todo autor conhece e sofre. A palavra, que é a materia do livro, não tem a leveza do sonho.

Escrever um livro (falo como ficcionista) é procurar traduzir em palavras aquilo que a mente sonhou. Ora, a mente é ágil, a palavra é pesada; mas como o livro precisa ser entendido pelo leitor, tem que vencer essa dificuldade, e está lá do leitor, como quem exorciza fantasmas. Por outro lado, escrever é também uma especie de ritual cuja essencia ninguém ainda conseguiu explicar, apesar de muitos terem tentado. Julien Green, autor pouco lido hoje em dia mas que já deixou a sua marca na literatura ocidental, escreveu no prefacio de um de seus romances que os livros são escritos numa região misteriosa. Foi essa a melhor explicação que já encontrei para o ato de escrever. A frase não diz muito, mas diz tudo o que é possível dizer sem apelar para teorizações miris

bolantes. Porque a verdade é que ninguém sabe ao certo, para poder explicar sem fantasias aquele mecanismo pelo qual uma idéia se planta na cabeça de um escritor, se expande e acaba implorando para sair em forma de livro. Falo de livros que nascem de dentro para fora, os únicos que valem o trabalho de escrever e de ler; porque há livros que foram claramente escritos de fora para fora, não trazem aquela fragrância reconhecível de produto nascido e nutrido na região misteriosa de que fala Julien Green.

Quem sabe se o escritor de ficção não é um esconjurador, um magico, um bruxo que tem o dom de trazer para a claridade do dia, em forma de livro, os diabinhos que se infiltram em sua mente e ficam lá tirando-lhe o sossego?

Então, não sabendo falar de meus livros, vou falar de como me tornei escritor. Não penso que a minha história seja muito diferente da de outros escritores, mas certamente ela há de ter alguns elementos pessoais meus e poderá interessar como depoimento de um escritor que já tem oito livros publicados e mais de 20 anos de lutas com aqueles demônios que já denunciarei.

O meu primeiro livro foi escrito em resposta a um desafio que fiz a mim mesmo. Desde adolescente eu escrevia por passatempo, sem compromisso maior com a literatura. O que saía bom, saía bom por acaso, sem grande aplicação minha; o que saía de feituoso não me incomodava, ninguém ia ler; eu era apenas um escritor amador secreto. Um dia, já aos 42 anos de idade, cansado desses exercícios no vazio, e sentindo a vida pulsar à minha volta com todos os seus atrativos, pensei: há maneiras mais amenas de se passar o tempo do que esta de escrever, ragnar e jogar fora; isto não tem sentido; ou escrevo a sério, ou vou viver a vida que me chama. Então propus a mim mesmo escre-

ver a sério um livro que eu pudesse mostrar e com ele me expor.

Com esse mandado, escrevi um livro de contos diferente de tudo o que eu vinha fazendo. Devo dizer que eu era também um leitor avido, e estava razoavelmente a par do que se escrevia no Brasil e em alguns outros países. Para meu espanto e minha satisfação, esse livrinho ganhou o prêmio mais importante do país para contos na ocasião, o Prêmio Fabio Prado. Desse livro, OS CAVALINHOS DE PLATIPLANTO, já foram vendidos mais de 200 mil exemplares, e ele continua sendo editado.

Aqui, uma breve digressão. Se eu estivesse falando a um auditorio estrangeiro - americano, alemão, russo - omitiria esse dado. Um livro publicado pela primeira vez há 26 anos ter vendido apenas 200 mil exemplares é ridículo. Mas no Brasil é um acontecimento. Curioso: somos grandes produtores de café, de açúcar, de álcool, de soja, de aço, de tuberculosos, de esquistossomiasos, de desnutridos - mas nos descuidamos de produzir leitores. Se a leitura fosse uma doença, talvez figurássemos bem nas estatísticas mundiais. Se tivéssemos leitores como temos chagásicos, por exemplo, seríamos invejados no mundo. Não vou comparar o nosso consumo de livros nem mesmo com o de Portugal, porque sairíamos perdendo. Basta dizer que Portugal, com uma população de 12 milhões, ou seja, um décimo da nossa, tem mais livrarias do que o Brasil. Fechemos esse parentese deprimente.

Quando passei a escrever a sério, eu não imaginava em que caverna estava me aventurando. Eu havia me preparado para receber bordoadas de crítica, e até reunido argumentos para me justificar a mim mesmo: era o meu primeiro livro, uma experiência; eu não era escritor. Mas o que recebi foi uma

chuva de elogios que me deixou estatelado. Eu me vi na situação daquele humilde vigário do interior, que fez uma precissão pedindo chuva para as roças do município, que não viam água há muito tempo. E quando ainda tirava os paramentos na sacristia, olhe o céu se escurecendo e logo despejando o maior aguaceiro da história da região, um temporal que alagou tudo, derrubou ranchos, matou criações. O bom vigário ergueu as mãos para o céu e exclamou: Santo Deus! Eu só pedi uma chuvinha para as nossas roças, e o Senhor nos manda isto! Quanta consideração com uma paróquia tão pobre!

Uma enchente de artigos elogiosos elevou o meu livro às alturas. E como toda enchente, me trouxe problemas. Eu tinha querido apenas provar a mim mesmo que eu era capaz de escrever um livro que pudesse ser mostrado e que eu também poderia ler se o encontrasse escrito por outro, um livro que trouxesse algumas novidades que o distinguissem dos que então se escreviam. Estávamos naquela fase dos contos intimistas, imitativos de Katherine Mansfield mas sem a motivação nem a chama dos textos dela. Há intimismo nos contos dos CAVALINHOS, mas as passagens intimistas compõem a estrutura das histórias, que se apoiam também numa linguagem funcional, numa dose equilibrada de lirismo e numa atmosfera onírica discreta, tudo formando um todo. Faltasse um desses elementos, e se houvesse desequilíbrio na dosagem, a história ruiria. Isso foi percebido e apontado pela crítica.

A aceitação unânime e inesperada desse meu primeiro livro me trouxe um problema, que o Prêmio Fabio Prado, paradoxalmente, agravou. Ali estava eu, um escritor reconhecido, elogiado, premiado. Agora era assumir essa condição, com as responsabilidades que a acompanham, e ir em frente. Era só eu trabalhar com seriedade, que não haveria nenhum problema.

Foi justamente aí que me estrepei. Eu não sabia que há uma medida também para a seriedade. Seriedade em excesso é como remédio em excesso: faz mal à saúde. Com a preocupação de ser sério, tudo o que eu escrevia depois me parecia inferior, indigno do sucesso do primeiro livro. Fiquei fazendo e refazendo, massacrando o texto e me massacrando. Até descobrir esta norma tão simples - que a seriedade deve estar na atitude e não no texto, penei sete anos. Foi esse o preço que me custou o sucesso dos CAVALINHOS. Mas aprendi ainda em tempo. Regulei o giroscópio e pude afinal escrever o segundo livro, A HORA DOS RUMINANTES, depois o terceiro, o quarto, até por enquanto o oitavo, que acaba de sair.

Hoje não acho que tenha perdido sete anos armando o salto do primeiro para o segundo livro. Foram sete anos de sofrimento, mas também de aprendizado. Passei esse tempo todo com as luzes externas apagadas, mas lutando, e sofrendo a classificação de autor de um livro só. Mas eu estava crescendo interiormente e amadurecendo. Nesse intervalo consegui escrever alguns contos que me satisfizeram e que foram publicados em jornais e revistas e depois reunidos em livro com o título de A MÁQUINA EXTRAVIADA.

Não vou falar dos livros subsequentes um a um - SOMBRA DE REIS BARBUÇOS, OS PECADOS DA TRIBO, DE JOGOS E FESTAS, AQUELE MUNDO DE VASABARRROS, TORVELINHO DIA E NOITE - para não cansar o auditorio benevolente. Direi apenas que cada um foi um novo desafio que enfrentei com o melhor da minha capacidade. Cada novo livro esgota o autor e aumenta as dificuldades do seguinte. Felizmente nenhum dos livros que escrevi me decepcionou, nenhum ficou parado na primeira edição, e - o que é mais importante - nenhum foi repudiado pelo autor. Gosto ainda de todos. Cada um é um pedaço de mim. O

que eu sou hoje é ter escrito esses livros. Se sofri escrevendo-os, também vivi intensamente aqueles momentos em que, instalado na região encantada em que os livros são escritos, eu tirava de nada alguma coisa que não existia antes e que passou a existir por esforço meu.

Hoje os elogios não me desestruturam nem me envaldecem. Tenho de reconhecer que sou um escritor que conseguiu dizer alguma coisa a muita gente, na nossa língua e em outras. Digo isso porque recebo cartas de leitores daqui e do estrangeiro que se sentiram tocados a ponto de me escreverem comentando meus livros. Nunca esperei isso, mas, como disse, entrei inocentemente numa caverna em que tudo pode acontecer.

Aqui entra uma teoria que não é minha, mas cujo acerto já tive oportunidades de comprovar em contatos com leitores. Todo livro, por mais trabalhado, por mais bem realizado, é só a metade de um livro. A outra metade está com o leitor. A sensibilidade e a inteligência do leitor completam o livro. Estou falando de livros que têm alguma coisa a dizer, portanto a serem completados por quem os lê. Esses sempre encontram o leitor correspondente, aquele leitor flagrado por Jules Renard. É o que lê como as galinhas bebem: levantando a cabeça de vez em quando para o sorvo escorrer melhor. Porque há livros que nada exigem e que podem ser lidos enquanto se pensa em outras coisas, nas contas a pagar, nos telefonemas a dar, nas compras a fazer, nas curtidas que esperam. Esses se destinam a um tipo de leitor que não me interessa. É o leitor que no fim guarda apenas uma lembrança vaga do que leram, talvez o nome do autor e uma ideia fugidia do título, e do conteúdo praticamente nada, como aquele cidadão que foi apresentado a um escritor numa festa e,

para ser gentil, disse que havia lido um livro dele. Também para ser gentil, o escritor cometeu a imprudência de perguntar que livro. Bem, era um livro muito interessante (interessante a palavra mais impropria para se aplicar a um livro), tinha um título assim... peraf, já digo... assim... como é que era... "O não sei que do não sei onde"... Ou seria apenas "O não sei que"? Era um livro muito bom.

Esses incidentes divertidos não ocorrem só com escritores. Uma vez encontrei Heitor Villa-Lobos no bilhar da ABI esbravejando contra um embaixador a quem fora apresentado pouco antes numa cerimônia no Ministério da Educação ali perto, e o excelente embaixador lhe dissera que havia ouvido uma peça muito bonita dele em Nova York, as "Baiianas Brasileiras". Não vou reproduzir aqui o que vociferava o vulcão, com o charuto tremendo no canto da boca.

Parece que os diplomatas são muito sujeitos a essas confusões. Eu mesmo fui felicitado por outro embaixador nosso pelo meu belo livro "Os Cavaleiros do Altiplano", que ele disse que lera na Suíça. Menos suscetível do que o autor das "Bachianas", apenas agradei por ele ter gostado desse livro que não escrevi.

Resumindo: escrever não é fácil, mas é fascinante. É um ato que ninguém enfrenta a contragosto. Quem escreve, escreve porque quer, porque gosta desse sofrimento. Camilo Castelo Branco fala com pretense inveja das "pessoas que têm a boa sorte de não escrever romances". Pura pose. Camilo escreveu 262 livros em 40 anos sem que ninguém o obrigasse - uma média de seis livros por ano, ou um a cada dois meses, e a mão. É verdade que ele se matou com um tiro na cabeça. Mas não para se libertar do ofício. Ele se matou por ter ficado cego e não poder mais escrever.



“Conheço a metodologia da pesquisa. Conheço os caminhos.” Com essa frase, Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães encerrou uma discussão sobre seus interesses tão díspares, no teatro, nas artes plásticas, na literatura. Médico por formação, Carlos Fernando sempre se interessou por cultura. Mais: sempre participou da cultura.

Ainda na juventude, Carlos Fernando participou de vários grupos teatrais. No fim da vida, produziria um das mais profundas pesquisas sobre o teatro em Goiás: a partir da peça *O cometa*, o pesquisador levanta um amplo panorama cultural não apenas de Goiás, mas de todo o interior do Brasil. Em suas mãos, as 14 páginas do texto dramático tornaram-se mais de 800. Lê-las é quase perder o fôlego diante de tal vigor investigativo. Mas além do teatro, Carlos Fernando fez incursões importantes por várias outras áreas. Infelizmente, deixa inacabado um monumental estudo sobre a Memória das Artes na Capitania de Goiás, além de um amplo ensaio sobre as carrancas no Ocidente.

O médico intensivista Carlos Fernando foi servidor da UFG, na Faculdade de Medicina, onde orientou gerações de alunos. Tirado brutalmente de nosso convívio em outubro passado, a REVISTA UFG republica nesta seção Memória um de seus estudos sobre a pintura em Goiás, sobre o pintor, e também professor na UFG, Cleber Gouveia. Ao fazê-lo, intenta-se relembrar a memória deste homem de múltiplos talentos e espírito verdadeiramente universal. Ao mesmo tempo, relembra-se a memória do fundador do Núcleo de Apoio a Iniciativas Culturais (Nucaic), que mais tarde daria origem à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, responsável por esta publicação.

O texto a seguir foi publicado em 1981 nas páginas de 75 a 93 da extinta Revista Goiana de Artes. Por sua atualidade e oportunidade, é mais que uma homenagem ao autor, é uma homenagem a todos os leitores.

CLEBER GOUVEIA: ENCONTRO COM A PINTURA Carlos Fernando Magalhães¹

Introdução

Podemos afirmar, sem medo de erro, que a representatividade da cultura regional goiana é, em condições de atualidade, ainda, motivada por sua literatura e pelas artes visuais. No segundo domínio, a geração forjada nos anos 50 e 60 marcará seu encontro através de pessoas e obras que, inseridas em um trabalho coletivo, deixarão pontos e diferenciados, ajudando a traçar com ideias e soluções, a compreensão desta cultura, condicionada ao meio e à sua época.

¹. Poeta, ficcionista, crítico, teatrólogo, pesquisador, médico e professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás.